

CONCEITO HISTÓRICO DE DEMOCRACIA

VAMIREH CHACON

A democracia não é um problema social isolado, Ela pode ser estudada sob inúmeros aspectos: o sociológico, o do Direito Constitucional, da Teoria Geral do Estado e do Direito Público em geral.

Antes de tudo a democracia corresponde a um anseio de liberdade sempre existente no homem. O prof. Pinto Ferreira diz muito bem como “na verdade, a democracia permanece imutável no decorrer das idades ajustando-se, porém, em mudanças variadas, às condições nacionais de cada povo, à época histórica, ao clima psicológico, às correntes sociais que subjazem na profundidade das sociedades” (1).

Desta forma o conceito de democracia muda através da história. Este sistema de governo está, como todos os outros, sujeito às flutuações histórico-sociais que podem modificar sua face mas não a sua razão de ser intrínseca de luta pela ascensão gradativa do exercício pleno dos direitos e liberdades humanas.

(1) Pinto Ferreira, Princípios Gerais de Direito Constitucional moderno. Rio-1951 (pp. 193-194).

A grande lição que se pode tirar logo daí é que não existe liberdade como uma planta de raízes aéreas, segundo diriam alguns. Ela é condicionada a uma série de fatores que se modificam num "vir-a-ser" contínuo.

Observamos, em linhas gerais, a evolução.

Vemos na Grécia, por exemplo, as concepções de governo girarem de preferência, em seus maiores teorizadores, em torno de concepções aristocráticas.

Aristóteles, entretanto, compreendia que o perigo da aristocracia era descambar para a oligarquia, assim como o da democracia era a demagogia, e o da monarquia a tirania.

Tanto o estagirita como Platão eram partidários de um comunismo estacionário e aristocrático, conforme mostra René Gonnard. Aliás este problema de ser partidário de comunismos cifra-se, entre os antigos, em uma predileção pela comunidade no consumo e não na produção. Isto é particularmente verdade entre os doutrinadores cristãos. São João Crisóstomo, por exemplo, apontado por Ludwig von Mises. As missões jesuítas no Paraguai são uma das ocasiões raras em que os católicos tentam efetuar um comunismo de raízes autenticamente econômicas, passando do campo moral para este outro mais material.

Todavia não era uma simples regalia pertencer a classe aristocrática dominante, defendida por Aristóteles e Platão. Muitas vezes era um verdadeiro fardo. O autor da "República" e d'"As leis chegava a exigir que os magistrados e guerreiros sacrificassem por completo suas personalidades aos interesses do Estado (2).

Tôdas estas concepções estavam influenciadas pelas conjunções sócio-econômicas da época. Spengler, em seu livro "A decadência do ocidente" defende a tese de que houve mesmo uma Idade Média, um liberalismo e até um imperialismo capitalista no munhelênico clássico, quasi à maneira das fases da civilização moderna.

(2) Gonnard, Historia de las doctrinas económicas. México-1948 (p. 9).

Assim sendo, evoluiu a democracia grega, com a participação direta do povo no governo do Estado, para uma centralização absolutista que iria marcar mais adiante os pródromos da decadência final.

Idêntico fenômeno poder-se-ia observar em Roma. O fim das duas civilizações foi, mais ou menos, idêntico.

Poehlmann atesta que: "Com o capitalismo romano, nas suas formas gigantescas, desenvolveu-se a democracia burguesa, reproduzindo-se o mesmo cenário grego de lutas entre o proletariado esfarrapado e a burguesia, na "terrível cisão plutocrático-proletária" (3).

Apesar de certas opiniões acerca do papel da democracia direta na evolução dos referidos povos, o certo é que, como afirmava Barthélemy-Düez, "as pretendidas democracias da antiguidade não são, no fundo, senão aristocracia" (4).

Na Idade Média e Renascença as formas de governo iriam assumir novas características e ser influenciadas pela preponderância de novos fatores.

A influência da Igreja e do espiritualismo, em geral, fizeram da Idade Média um período em que a ascendência destes fatores quase que dominou completamente as várias manifestações da vida sócio-econômica. Foi uma época que Sorokin denominou de "ideacional", por estar absorvida pelo "sistema unificado de cultura baseado no princípio de um Deus supersensível e super-racional como à única realidade e valor verdadeiro" (5).

Inegavelmente o juízo acerca do Medievo tem sido prejudicado pela posição deante da Igreja Católica, assumida por aqueles que se propõem a julgá-lo.

Degladiam-se os seus entusiastas e os seus caluniadores, uns por ignorância, outros por sectarismos, havendo os que o fazem de boa fé ou por excesso de zelo apostólico.

Na realidade foi uma época histórica, como qual-

(3) Pinto Ferreira (op. cit.) (p. 242).

(4) Idem p. 222).

(5) Sorokin, A crise do nosso tempo. São Paulo-1945 (p. 15).

quer outra. Com seus altos e baixos que precisam ser considerados em relação às situações sociais do tempo, não constituindo nem uma noite de mil anos nem a idade de ouro do Cristianismo.

No que tange à evolução do capitalismo e de sua influência nas diversas formas de governo, este período caracterizou-se por um estrito controle da Igreja sobre a economia, controle menos de alcance racional (no sentido econômico) que ético, moral.

A Igreja mantinha um verdadeiro cerco aos agiotas e capitalistas em potência. Vigorava uma espécie de socialismo de Estado, centralizado e autoritário. A quebra deste controle foi feita, principalmente, pelos Judeus e protestantes.

Em Bizâncio a economia dirigida foi levada ao extremo, como mostra Richard Lewinsohn. As corporações "se encontraban bajo la completa dependencia del Estado" (6).

A Renascença e a Reforma iriam presenciar um surto econômico sem precedentes na História.

As cruzadas chamaram a atenção para o comércio, com o oriente. Efetuaram-se depois, as primeiras tentativas com êxito de grandes trustes comerciais organizados à maneira dos modernos. Na Antiguidade greco-romana já tinha havido algumas grandes organizações neste sentido, como a de Craso, biografado em sua riqueza por Plutarco, porém as realizações de Jacques Coeur, Fugger, e outros, representavam um passo maior para o sistema capitalista.

Os judeus e os protestantes do século XVI constituíram, segundo Hennebicq, "las tropas de vanguardia del capitalismo naciente" (7).

Sombart chega a defender a tese de que sem os judeus "não teria nascido e desenvolvido nossa economia capitalista". Opinião refutada, em parte, por Adolf Weber e outros, que entretanto reconheceram a importância do seu papel.

A conjunção dos fatores, israelita e protestante,

(6) Lewinsohn, *Trusts y Carteles*. Buenos Aires-1948 (p. 25).

(7) René Gonnard (op. cit.) (p. 57).

os quais Sombart pressente ter um parentesco mútuo íntimo, influiu de modo decisivo na eclosão do capitalismo. Os próprios católicos já começavam também a fazer restrições contra o sistema econômico medieval.

A centralização absolutista da economia e através dela as tentativas de submissão completa ao soberano já estavam sofrendo restrições como as de Suarez, que reconhecia o papel do povo como intermediário da transmissão do poder, de origem divina, às autoridades.

O protestantismo cindindo a unidade de fé da Idade Média, libertou as forças econômicas dos freios religiosos e precipitou o acesso da burguesia urbana ao poder.

Foi a Reforma luterana um movimento profundamente ligado às classes dominantes alemães, fato que se evidencia, por exemplo, na teoria do teólogo protestante Melanchton que defendia o "direito divino" dos reis, atacado por Suarez e defendido mesmo por certos católicos.

Ernst Troeltsch, que também se filia à orientação protestante, mostra igualmente as relações íntimas entre o seu credo e o individualismo, afirmando ser o protestantismo um dos "progenitores da cultura moderna".

O autoritarismo da Igreja Católica, segundo o referido autor, encontrou como opositora a convicção protestante de autonomia espiritual, livre exame, tendo como consequência un individualismo creciente de las convicciones, opiniões, teorías y fines prácticos" (8).

Troeltsch chega mesmo a afirmar como uma das maiores características do mundo moderno "un arraigamiento mucho más profundo y fuerte del individualismo en su última índole metafísica". Embora reconheça que "la base del individualismo moderno se halla, en primer lugar, en el Renacimiento", acha que "Por último, el protestantismo lo ha formado

(8) Troeltsch, El protestantismo y el mundo moderno. (Fondo de Cultura Económico) 1951 (p. 19).

conscientemente como principio, lo há disvinculado de su unión con un instituto jerárquico universal y lo ha movilizado para su fusión libre con todos los intereses y potencias de la vida". Concluyendo êle, finalmente.

"Así se muestra de un modo claro la peculiaridad de la cultura moderna frente a la Antigüedad tardía y a la Edad Media" (9). Essa vinculação aos interesses e potências da vida, a que se refere o conceituado estudioso alemão, teria levado Calvino a exercer maior atuação que Lutero na eclosão do capitalismo.

Êste é o testemunho de um pensador protestante, conhecedor profundo do espírito de sua seita, o qual foi secundado por outros cientistas sociais no que tange ao estudo das relações entre religião e economia. Max Weber e H. T. Tawney, analisando também os grupos protestantes, Sombart e Brentano investigando de modo mais ou menos semelhante os grupos judeus, são alguns dos vários sociólogos que se interessaram pelo problema das relações entre religião e economia.

Todos êstes aspectos econômicos, que exerceram tão grande influência sôbre o poder político medieval, foram resumidos, de modo admirável, por von Boehm-Bawerk. Para êle a base dos problemas econômicos da Idade Média e da Antigüidade pagã foi a discussão em tórno da teoria do juro ou renda do capital. Antes de tudo ela teve um caráter estrito pois se limitou ao capital emprestado, ao juro.

Apesar dos anátemas escolásticos contra êle, o certo é que o juro resistiu na prática econômica, burlando "la casuística de las leyes hostiles al interés". Acrescenta o eminente estudioso austríaco que, "cuanto más próspera era la situación de la economía en um país, con mayor fuerza reaccionaba la práctica contra aquel principio todavía imperante en la legislación y la doctrina" (10). Estas questões exerceram enorme influência sôbre a formação social e po-

(9) E. Troeltsch (op.) (p. 31).

(10) Boehm - Bawerk, "Capital y Interés". (Fondo de Cultura Económico) 1-47 (p. 49).

lítica do Medievo, inclusive influenciando o aparecimento do chamado "burguês", que vivendo à princípio nos arredores das cidades (faubourgs) passou depois, a constituir-se em classe e exigir seus direitos. Nestas disputas em torno da licitude do lucro, encontram-se as raízes mais próximas da burguesia que iria propiciar, mais adiante, uma forma de governo muito característica: a democracia liberal.

Enquanto isto, o sistema representativo ia firmando raízes na Inglaterra. Mais tarde a Grã-Bretanha presenciaria, neste sistema o esplendor da democracia liberal do mundo, na época vitoriana. O "Concilium" e o "Magno Concilium" medievais seriam os antecessores dos Comuns. Já por volta de 1295 o parlamento inglês apresentava tais características que os ingleses o chamavam "parlamento modelo" ou "great and model Parliamen" (11).

Assim, tanto a burguesia como o sistema representativo encontraram grandes propulsores na Idade Média. "Com o aparecimento das classes sem história e sem tradição como a burguesia", iriam corresponder historicamente "métodos" e "primado do saber positivo", indica o prof. Lourival Vilanova, citando Max Scheler (12).

Quase ao mesmo tempo começaram a diminuir as preocupações teológicas e a impor-se o interesse de aumentar desmesuradamente as riquezas por todos os meios, inclusive o juro, outrora tão condenado.

O mercantilismo foi o antecessor imediato do liberalismo, a princípio fisiocrático e depois francamente industrialista. Da mesma forma que houve uma economia liberal, houve também uma democracia liberal, plutocrática. Nos seus primórdios ela era anti-intervencionista e ardente partidária da livre-concorrência. Entretanto quando a burguesia apossou-se do Estado, perdeu a razão de temê-lo, passando a defender o intervencionismo. Sismondi e Dupont-White tornaram-se seus grandes adeptos e o

(11) Pinto Ferreira (op. cit.) (p. 245).

(12) Lourival Villanova "O problema do objeto da Teoria Geral do Estado, Recife-1953 (p. 114).

próprio Adam Smith o admitia moderado e em certos casos.

Uma das maiores características da democracia liberal foi o emprêgo de conceitos abstratos como "liberdade" "igualdade" e "fraternidade", que ocultavam o domínio real de uma classe e a submissão das outras. Enfim, a liberdade liberal consistia na liberdade do mais forte economicamente. O resto era cortina de fumaça para disfarçar os movimentos de expansão da burguesia.

Dentro desta orientação consagrou-se a democracia liberal inglesa na era vitoriana, com sua aristocracia da "City", ao lado das massas oprimidas e famintas, retratadas tão bem por Dickens. A "elite" do sangue viu-se apoiada na do dinheiro e aqui no Brasil, na época do segundo império, principalmente, os títulos de nobreza eram distribuídos pelos serviços prestados, prestígio político e influência econômica. Pululavam os barões do açúcar e do café.

Por outro lado, pouco a pouco o sistema democrático foi tomando um caráter mais igualitário. As massas começaram a ver o erro da liberdade em abstrato e passaram a lutar por sólidas reivindicações econômicas que lhes garantissem uma autêntica igualdade. A democracia de tendência igualitária de Max Weber, Harold Laski e Lênin passou a substituir a antiga. Laski assinalou, então, que: *That notion of equality points the way to the essence of democratic idea...*" (13).

Com o aparecimento de novos problemas impunham-se novas soluções que o liberalismo não conseguiu efetuar. Vez por outra surge uma onda néo-liberal que é superada por outra mais alta em sentido oposto. Marx resumiu o dilema dizendo que *"La relación industrial, en general, del mundo de la riqueza con el mundo político es un problema predominante en la época moderna"* (14).

(13) Pinto Ferreira (op. cit.) (p. 200).

(14) Marx. Para la crítica de la "Filosofía del Derecho" de Hegel (in "Filosofía del Derecho" de G. F. Hegel), Buenos Aires, 1937 (p. X).

Com o aparecimento dos grandes movimentos de massas a democracia vê-se diante de um dilema terrível que ameaça a sua própria existência.

As explosões dos velhos rancores do proletariado acarretaram sua negação e a defesa de uma momentânea ditadura do proletariado, enquanto são esmagados sem classes, sem Estado, sem democracia.

Clement Atlee é um dos que se mostra apreensivo diante das consequências da violência. Para êle "A aparente estabilidade de uma ditadura oculta a sua verdadeira fraqueza. Onde só mediante a violência é possível proceder as transformações, o govêrno tende a proteger-se com intensa atividade política.

.....

E a liberdade uma vez perdida, só a muito custo é recuperada" (15).

Não resta dúvida que a democracia deve tomar novos rumos e seu dilema é determinar o caminho a seguir: pelo consentimento ou pela violência. Harold Laski, Clement Atlee, Stafford Cripps incarnam a primeira orientação.

O néo-liberal Ludwig von Mises salienta a importância da forma constitucional, dizendo: "Sa fonction est d'établir la paix et d'éviter tous les bouleversements violents. Même dans les E'tats non démocratiques un gouvernement ne peut finalement se maintenir que s'il peut compter sur l'assentiment de l'opinion publique. La force et la puissance de tous les gouvernements ne repose pas dans les armes, mais dans l'esprit de l'acquiescement qui met les armes à leurs disposition" (16).

A constituição —, portanto, o espelho jurídico, por excelência, da situação sócio-econômica de um país. É através de sua reforma gradativa, paulatina, que se deve proceder a evolução democrática moderna, reservando-se as revoluções para os momentos em que a maioria precise arrancar, pela força, o poder

(15) C. Atlee, Bases e Fundamentos do trabalhismo (The Labour Party in perspective). Rio (pp. 105-106).

(16) Ludwig von Mises. Le Socialisme. Paris, 1952 (p. 80).

de que abusa uma minoria despótica. E isto só depois que sejam esgotados os meios parlamentares.

É preciso não esquecer que a democracia, dentro de sua função decisiva, "garantit l'accord de la volonté de l'État, s'exprimant par les organismes de l'État dans la dépendence juridique du moment" (17).

O individualismo econômico está em crise, não resta dúvida, porém pode ser substituído por outra forma de tirania de classe, disfarçada sob "slogans" revolucionários.

Deve ser dado o direito de defesa a todos, inclusive às classes em desagregação, pois nada evitara sua queda final. Elas poderão, no máximo, diminuir a velocidade de modificações que virão mais cedo ou mais tarde, salvando-se assim o princípio e a continuidade democráticas. Atlee afirma muito bem que: "A democracia envolve o direito de modificar a política e substituir as pessoas às quais o governo é confiado. Sem este direito não há verdadeira liberdade". A democracia autêntica consiste não apenas em garantir os direitos das maiorias como também os das minorias.

O grande perigo do Socialismo é a sua marca indefectível de autoritarismo. Von Mises mostra como Platão, Saint-Simon, e os jesuítas do Paraguai estavam muito distantes da democracia, no sentido moderno. O próprio marxismo guarda muito deste caráter, embora acene com um anarquismo longínquo, que virá após a total desapareção das classes.

A política do Socialismo moderno orienta-se no sentido de socialização dos meios de produção. Von Mises crê mesmo que esta é, atualmente, sua idéia essencial, enquanto as outras são corolários dela. Não somente o marxismo como também outras orientações de esquerda defendem esta tese. A planificação tornou-se um lugar comum, pedra de toque de muitos programas partidários. Contudo é preciso tomar muito cuidado com os abusos desta. Planificação supõe fins, segundo mostra Pontes de Miranda. Ela em

(17) Idem (p. 81).

si não é boa nem má, seus fins é que determinam este critério de moralidade.

O século XX veio abrir novos rumos ao Socialismo, isto é, o primado do social sobre o individual. Neste sentido a Igreja só é anti-socialista quando este tenta realizar-se fora dela e contra ela, diz o acima mencionado Ludwig von Mises.

Quando Andrei Vyshinky fala em "demolição da maquinária do Estado burguês" e em "Estado Societs" e "não uma república parlamentar burguesa", refere-se à derrubada violenta das estruturas burguesas, sem concessões às antigas minorias dominantes. Paradoxalmente sustenta, com Lenin, que isto é "um milhão de vezes mais democratos que a mais democrática república burguesa", esquecendo ambos o Lenin d'"O Estado e a República" que dizia: "Um Estado seja ele qual for, não pode ser livre nem popular" (18).

Seria oportuno frizar, já que falamos em carregamento histórico, que o corporativismo andou, ultimamente, muito em companhia do facismo. Um dos seus mais famosos teorizadores, Mihail Manoilescu, afirma: "Dissemos que o corporativismo não se deve confundir com o facismo. Entretanto a forma mais conhecida de organização corporatista contemporânea — o facismo" (19).

Apesar dos apelos pela separação dos conceitos de totalitarismo e corporativismo, ambos terminaram em nossos tempos, quase sempre juntos.

Uma vez que as palavras têm um carregamento histórico, melhor seria dizer que a solução autêntica da questão social seria o Personalismo — equilíbrio entre o social e o individual. Isto porque o carregamento histórico do Socialismo liga-se muito ao marxismo ou ao socialismo utópico. No Personalismo a socialização dos meios de produção não teria sua im-

(18) Andréi Vyshinsky, *The Law of the Soviet State*. New York, 1948 (pp. 43) (62-70) e V. S. Lenin, *O Estado e a Revolução* Guaira, passim.

(19) Manoileseu, *O Século do Corporativismo*. Rio, 1938 (pp. XII e XIII).

portância exagerada ao ponto de parecer que ela era fim e não meio para a concretização de uma ordem nova cristã.

Apesar dos seus desvirtuamentos, como por exemplo o oportunismo do lugar comum de ser socialista, surgem novos caminhos para a verdadeira democracia, integrada em verdadeiros conceitos de liberdade e igualdade.

Apesar das tentativas em contrário o corporativismo revela-se impraticável em sociedades em plena ebulição revolucionária, com grande massas proletárias e minorias oprimidas. Este sistema de governo é próprio de épocas de equilíbrio social, sem os grandes problemas dos trabalhadores assalariados em empresas industriárias sem o poder terrível dos trustes e sem, principalmente, a extrema instabilidade econômica do nosso século com a sua enorme mobilidade vertical e horizontal das classes. O corporativismo é sistema de fases de economia cristalizada.

Não obstante o que já se tentou, continua a verdadeira democracia cristã sem uma expressão política concreta em nenhum país. Só quando o homem estiver incarnado em sua profunda dignidade humana é que poderemos falar de fato nela.

Já existem algumas tentativas neste sentido porém não passam de planos e de algumas poucas experiências.

O ideal é uma meta instigável mas pela qual os homens são capazes de lutar e morrer. A democracia, por sua vez, é um destes mais altos ideais e o combate quotidiano pela sua realização progressiva, uma das mais nobres tarefas.